

nais observam padrões persistentes de comportamento, histórico emocional e a forma como a pessoa se relaciona em diferentes contextos da vida. Episódios isolados de impulsividade ou dramatização não são suficientes para caracterizar o quadro.

Segundo Ana, um dos maiores desafios está justamente no diagnóstico diferencial. “Muitos comportamentos do TPH podem se parecer com outros transtornos, como borderline, bipolaridade e transtorno de personalidade narcisista”, explica. Embora exista semelhança entre alguns sintomas, os especialistas destacam que a motivação emocional costuma ser diferente em cada caso.

No transtorno borderline, por exemplo, o sofrimento geralmente está ligado ao medo intenso de abandono. Já no TPH, a angústia costuma surgir diante da perda de atenção e validação. No caso da bipolaridade, as mudanças de humor aparecem em episódios mais duradouros. No TPH, as oscilações emocionais tendem a ser rápidas e muito influenciadas pelo ambiente e pelas relações.

Outro ponto que exige atenção é o histórico de estigmatização do transtorno. Durante muito tempo, o diagnóstico foi associado, principalmente, às mulheres, devido ao

viés cultural conhecido por “histeria” (do grego *hysteria*, traduzido, útero), o que fez especialistas alertarem para a necessidade de avaliações sem estereótipos de gênero.

Além disso, o TPH raramente aparece sozinho. Quadros de ansiedade, depressão e somatização costumam surgir associados ao transtorno. “Muitas vezes, o paciente procura ajuda não pelo transtorno em si, mas por crises afetivas, sensação de rejeição ou dificuldades nos relacionamentos”, afirma a psiquiatra.

Redes sociais

Em uma rotina marcada por curtidas, visualizações e necessidade constante de exposição, especialistas apontam que as redes sociais podem potencializar características histriônicas já existentes.

Para pessoas que dependem fortemente da validação externa, o ambiente digital funciona como uma espécie de reforço imediato. A lógica das plataformas, baseada em engajamento e aprovação, tende a alimentar ainda mais a busca por reconhecimento. “A ausência de retorno pode gerar uma angústia desproporcional e intensificar esse ciclo”, explica Ana.

Isso não significa que as redes sociais causem o transtorno. O que os especialistas observam é que o ambiente digital favorece padrões ligados a comparação constante, necessidade de aceitação e exposição emocional.

O tratamento do TPH tem como principal eixo a psicoterapia. O acompanhamento ajuda o paciente a compreender padrões emocionais, fortalecer a autoestima e desenvolver relações mais estáveis. “A ideia não é mudar completamente a personalidade da pessoa, mas ajudá-la a construir vínculos menos dependentes da aprovação externa”, elucida Douglas. Em alguns casos, o acompanhamento psiquiátrico também é importante para controlar sintomas associados, como ansiedade intensa e episódios depressivos.

É importante lembrar do apoio familiar durante o tratamento. Estabelecer limites saudáveis, evitar reforçar comportamentos prejudiciais e incentivar o acompanhamento profissional fazem parte do processo. Pois com o tratamento adequado, o transtorno é “reduzido” e, com isso, o paciente consegue desenvolver formas mais saudáveis de lidar com a própria autoestima.

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**

ABENÇOADO SUDOESTE

- BRINQUEDOS INFLÁVEIS
- BRINQUEDOTECA
- BARRACAS TÍPICAS
- QUADRILHA
- ATRAÇÕES MUSICAIS

DIAS 29, 30 E 31 DE MAIO

ABENÇOADO NORTE

- ATRAÇÕES MUSICAIS
- BRINQUEDOTECA
- COMIDAS TÍPICAS

DIAS 06 E 07 DE JUNHO

ABENÇOADO